



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**MAURO MARCZWSKI
(depoimento)**

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-185

Entrevistado: Mauro Marczwski

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Biblioteca – ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Johanna Ermacovitch Coelho Von Muhlen

Data da entrevista: 19/11/2010

Transcrição: Luciane Silveira Soares

Copidesque: Tuany Defaveri Begossi

Pesquisa: Tuany Defaveri Begossi

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 37 minutos 42 segundos

Páginas Digitadas: 18

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

BEMVENUTI, Edson. *Mauro Marczwski (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com a ESEF; escolha pela Educação Física; vestibular anterior a Federalização; rotina de aulas na ESEF antes da Federalização; esportes para meninas e para meninos separados; perfil da Turma graduada em 1970; identidade do atleta prevalecia; dificuldades para os alunos na ESEF; relação professor, aluno e funcionários; Diretório Acadêmico; processo de Federalização; o que mudou e o que permaneceu após a federalização; fatos pitorescos da turma.

Porto Alegre, 19 de novembro de 2010. Entrevista com Mauro Marczwski, a cargo da entrevistadora Johanna Coelho Von Muhlen para o projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.C – Professor Mauro, como nós já conversamos anteriormente, gostaria de saber do início do seu envolvimento com a ESEF¹, o porquê da escolha pela Educação Física e não outra profissão, como chegou até a ESEF e que contasse um pouco da sua história.

M.M – Bem, a minha escolha ela foi bastante curiosa. Eu, no início, trabalhei de bancário por 15 anos e meio e nesse decorrer eu resolvi voltar a estudar, pois eu parei certo tempo para me dedicar à profissão bancária. Eu fiz um ano e meio um curso de formação professores da faculdade de economia da UFRGS². No semestre seguinte, eu deveria fazer um estágio, aí naquele final de ano eu resolvi chegar na ESEF e tentar um vestibular. Se eu rodasse no vestibular eu tinha continuidade no curso de formação de professores com estágio e felizmente eu fiz e passei no primeiro vestibular. Eu tinha duas vontades na vida: primeiro a Faculdade de Medicina, mas achava que não teria lá grandes condições; segundo, ser jogador de futebol e fui até a categoria de juvenil. Depois, em função de questões de família, eu tive que trabalhar e realmente a parte de esporte era a minha vida e não tinha outra faculdade a não ser fazer a faculdade de Educação Física. Abandonei emprego, larguei tudo, fiz vestibular, passei e se tivesse que repetir, repetiria tudo novamente.

J.C. - E como era o vestibular, este processo de ingresso?

M.M. – Vestibular: ele era dividido em duas partes: uma teórica, eu tenho até o boletim, com provas de física, química, matemática, etc... E a prova prática ou provas práticas dentro da ESEF, então, o vestibular era especificamente dentro da faculdade não se concorria com ninguém a não ser os próprios inscritos daquele vestibular.

J.C. – Por que na época não era federalizado ainda.

¹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul

M.M. – Não era federalizado.

J.C. – E depois mudou? O senhor sabe alguma coisa?

M.M. – Depois que nós saímos ai começou-se a fazer um vestibular unificado, em que todo mundo concorria com todas as faculdades de acordo com a sua opção.

J.C. – O senhor tem esse boletim do vestibular?

M.M. – Tenho com as minhas notas ainda [trecho inaudível]. Se não me engano eu acho que em Física, sem educação, eu tirei dez.

J.C. – Se o senhor puder nos emprestar, porque para nós é importante poder comparar o vestibular de antes com o vestibular de depois.

M.M. – Daí eu trago pra vocês. E as provas práticas então, eram: havia corrida, individual com voleibol, individual com bola de basquete, individual com bola de futebol, exercício de força, de coordenação, provas de natação, então, era exatamente, para dizer assim, uma seqüência de toda a parte esportiva, daquilo que seria cobrado no decorrer das futuras aulas. Eu gostava muito e felizmente passei no primeiro vestibular.

J.C. – E como eram as aulas depois que o senhor passou?

M.M. – Bom, nós tínhamos aulas todos os dias pela manhã, então, formava-se turma, não como hoje, que tu faz cadeiras, não, formamos turma talvez em torno de 50 alunos por ai, masculino e feminino. Cinco períodos de aula pela manhã, três períodos de aula teórica e dois de aula prática. A teoria, então, História da Educação Física, Pedagogia assistia toda a turma, havia o intervalo do recreio e ai depois se trocava de roupa, se colocava a roupa de atividade física, as meninas iam com as professoras e os rapazes com os professores. Havia disciplinas comuns, como o voleibol, mas elas faziam com a professora e nós com os professores de voleibol, nunca juntos. Havia aula de boxe, mas era só masculino, aula de remo, só para o masculino.

J.C. – O que era só para meninas?

M.M. – Ginástica, seria GRD³ hoje em dia, era ginástica rítmica, então, só as meninas faziam este tipo de aula, no mais, era tudo comum, apenas separando natação, as meninas com a professora e os rapazes com um professor.

J.C. - E o perfil da turma? Quantos meninos, quantas meninas negros?

M.M. – Era em torno, meio a meio, não havia predominância de um sexo era mais ou menos uma proporção. A curiosidade na minha turma é que havia 11 alunas com o nome Vera, então chamava Vera e tu não erravas nunca, era uma infinidade de Vera. Mas, era assim, uma turma até certo ponto agitada, mas com um grau de consciência grande porque muitos adultos, se não me engano. Quando nós iniciamos tínhamos uns 4 ou 5 casados na turma, entre eles eu. Então eu trabalhava, ainda na ocasião, eu saía daqui correndo e ia trabalhar como vários que eram alunos da Academia da Brigada Militar que saíam e iam pra lá e quase todos assim: tinham compromissos profissionais na parte da tarde. Então não era simplesmente um aluno, era um aluno adulto sabendo o que queria naquela turma.

J.C. - Qual era a média de idade?

M.M. - Eu acho que 23. Eu tinha 28, por exemplo, mas assim, a média de idade ali no primeiro ano era isso aí, 23, 24 anos, principalmente os rapazes.

J.C. – E os negros que o senhor tinha falado?

M.M. – Tínhamos três e nunca passou pela cabeça de alguém assim a cor, nós tínhamos o Eduardo⁴, o Valderi⁵ e a Ana Maria⁶, três da raça negra que passavam abertamente com qualquer trabalho, com qualquer envolvimento...

J.C. – Nunca houve nem piada?

³ Ginástica Rítmica Desportiva.

⁴ Nome sujeito à confirmação.

⁵ Valderi Vidal Miranda.

⁶ Ana Maria N. Eberle.

M.M. – Ao contrário, as pessoas com quem mais carinho a gente tinha e eles tinham uma liberdade assim conosco impressionante, e o Barbosa,⁷ era um atleta da SOGIPA⁸, foi atleta do Grêmio. Na época do atletismo era um atleta laureado, então nós é que tínhamos respeito por ele, pelo atleta que ele era, e o Valderi, juntos eles faziam corridas de ruas eles eram atletas, entende? Então, eles representavam até a turma, respeito muito grande nunca teve absolutamente nada assim, nenhuma brincadeira, “negro”, “macaco”, nunca.

J.C. - Porque pelo que o senhor falou, antes prevalecia muito essa identidade do atleta. O senhor falou do perfil, que vários eram atletas.

M.M. – Nessa turma sobressaíram vários. Colega nosso Mauri Fonseca, ser atleta a nível olímpico, ele nadava na ocasião o *butterfly*⁹ que é o golfinho hoje, era o estilo do nado dele, impressionante o que ele nadava. O Luiz Alberto¹⁰ foi remador e treinador da área do remo, uns quatro ou cinco foram ser profissionais no futebol na preparação física, sobressaíram daquela turma, meninas da ginástica olímpica como atletas de clube. Na turma ninguém demonstrava aquela exuberância, não queria se salientar por ser atleta, éramos muito colegas até por causa da idade, o Mauri já casado também, já tinha 20 e poucos anos, já tinha passado aquela fase assim, havia alunos da academia da Brigada Militar também um casado, era outra mentalidade, a gente brincava se divertia mas tinha aquele senso de respeito de responsabilidade e uma grande maioria trabalhando fora tinha aquele senso de profissionalismo no seu trabalho, aqui era um complemento.

J.C. – E que dificuldades tinham aqui na ESEF? Para vocês como alunos?

M.M. – Como aluno primeiro: o horário, não sei se era 7:30 ou 7:45. Naquela época o automóvel não era tão acessível como hoje, a grande maioria se deslocava de ônibus e eu pedia o carro do pai emprestado, ele me emprestava para eu fazer o vai e vem, até porque eu trabalhava, eu saía da ESEF, tomava meu banho direto, era uma dificuldade. Depois, a saída que era meio dia e quinze ou doze horas, com a dificuldade essa de deslocamento;

⁷ Nome sujeito à confirmação.

⁸ Sociedade de Ginástica de Porto Alegre.

⁹ Nado borboleta ou golfinho.

¹⁰ Nome sujeito à confirmação.

Segundo: como a grande maioria trabalhava, era estudar para prova que não era fácil, aula de manhã, trabalhar de tarde, às vezes, a gente com família, eu particularmente já tinha filho, que nasceu em 1969 no meio do caminho [trecho inaudível]. A dificuldade era isso: a gente estudar, preparar prova, agora, a nossa virtude eram as provas práticas, nós nas práticas éramos muito bons a turma era muito boa.

J.C. – E a relação dos professores com os alunos e também os outros funcionários?

M.M. – Eu acho, que por termos essa faixa etária elevada, tínhamos uma intimidade muito grande com os professores, inclusive, nós íamos lá para Garopaba fazer caça submarina com um grupo de cinco ou seis alunos e os professores iam junto. O professor Nelson Saul ia junto, às vezes, o professor “Peixinho”¹¹, a gente convivia numa boa. Chegava no outro dia, tínhamos aula, eles eram os professores, nós os alunos. Nós fizemos um grupo onde a cada período, acho que era por mês ou quinzenal, jantávamos na casa de um ou de outro e os professores faziam parte desse grupo. O professor Iran¹² ia com a esposa, os professores acompanhavam a gente, iam lá jantavam, brincavam, no outro dia ele era o professor responsável da cadeira nós éramos os alunos. Nunca ousamos esta amizade, esse conhecimento, essa tratativa fora de sala de aula para usufruir dentro de sala de aula, nunca. Mas assim, o pessoal aqui que era da secretaria também tínhamos uma liberdade, mas, sempre com respeito. Durante os três anos que eu passei eu não me lembro de uma questão de desrespeito ou uma briga, algo que desmerecesse ficar lá... Tu é funcionário, eu sou professor. A turma sabia manter a sua idéia, até por ter cinco caras na Academia da Brigada, cinco, seis casados, então, tudo isso fazia um padrão bom da turma, de respeito. Fazia-se brincadeiras no meio da sala de aula, “tem esse esqueleto aqui, o Anacleto”, a gente apelidou ele naquela época de Anacleto. Um dia pusemos um cigarro, nós que fizemos isso, entrou o professor Costa Filho¹³, estava o Anacleto de cigarro na boca, o esqueleto, e nós: “Olha professor, ele fumou, olha como ele ficou”! Mas era brincadeira meio de criança, mas o resto era com respeito e uma amizade muito grande como até hoje a gente tem. Agora, fez os 40 anos acho que a gente tinha sete ou oito professores no nosso almoço.

¹¹ Jayme Werner dos Reis

¹² Iran Newton Aguiar

J.C. – E o envolvimento com o Diretório Acadêmico? Era Diretório Acadêmico na época ou tinha outro nome?

M.M. – Não! Eu acho que era Diretório Acadêmico. Nós recebemos o Diretório Acadêmico porque, o segundo ano assumia e quando chegava o terceiro cumpria terceiro ano, então o terceiro ano que era responsável. Nós criamos a iniciação do aprendizado para os vestibulandos, então, o vestibular, o período era em janeiro se não me engano. No mês de dezembro, nós fazíamos inscrições para os alunos que queriam aprender ou se preparar para ir ao vestibular, na questão prática. Então, os colegas davam aulas como de natação, atletismo, voleibol, basquete, tudo aquilo que caía nas provas práticas nós fazíamos. Cobrava-se uma mensalidade e ia pra caixinha.

J.C. - Todo mundo pagava?

M.M. – Todo mundo pagava. Os colegas que davam aula não recebiam nada se trabalhava em função do grêmio de alunos, para manter funcionando. No decorrer do ano com a chegada do inverno a gente fazia jaqueta de nylon personalizada com o distintivo aquele do homem arremessando com aqueles ramos da oliveira embaixo¹⁴ que era tradição nossa na ocasião. Por exemplo, a jaqueta custava o valor R\$ 50,00 e a gente vendia aos alunos por 40 a 30 entende? Então, o retorno era neste sentido aqui.

J.C. – E a função do Diretório Acadêmico era mais de agregar os alunos de facilitar as coisas?

M.M. – E ajudar na questão acadêmica.

J.C. – Nos estudos?

M.M. – Então, precisava de um xérox na ocasião, precisava copiar algo, o Diretório Acadêmico ajudava. Nesse período o nosso Diretório e dificilmente a gente ia lá fazer as caminhadas.

¹³ Arnaldo José da Costa Filho.

¹⁴ Referência à estatueta grega “O Discóbulo”, do escultor Miron

J.C. – Mas, nesta época vocês não estavam federalizados por que havia este diálogo com o DCE da UFRGS?

M.M. – Por que todos os Diretórios Acadêmicos eram vinculados ao central que era o DCE, Diretório Central dos Estudantes parece que era o nome.

J.C. – Ah, não o DCE da UFRGS era tipo um diretório maior?

M.M. – Isso, o diretório da ESEF, o da Economia, para tudo tinha esse Diretório Central onde a política mais girava. Nosso objetivo era estudar e se formar professor de Educação Física, a gente não se envolvia muito na questão, eu nunca fui, a questão de discutir política, ou fazer greve, passeata no meio da rua [trecho inaudível] fazer uma “chacrinha” no bom sentido, dentro da ESEF e levar o Diretório da ESEF adiante.

J.C. – Alguém do Diretório ia nestas reuniões?

M.M. – Não! Dificilmente, até por que o nosso presidente no caso, o Edson¹⁵, ele morava numa pensão em São Leopoldo, então tinha esse deslocamento e estava envolvido também, era um cara de boa cabeça não tinha nada de política assim.

J.C. – Mais a parte social, não é?

M.M. – Mais a parte social, exatamente, ai depois na época de formatura se evoluiu naquela coisa toda, mas o nosso Diretório era voltado para as atividades dos alunos da ESEF.

J.C. – E o processo de federalização então não passou...

M.M. – Para nós teria passado quase despercebido por que foi no decorrer, foi de 69 pra 70.

J.C. – Ele foi em setembro e vocês se formaram em dezembro.

M.M. – Então, claro a gente ficou sabendo: está andando, a papelada está em Brasília! Se passar, de repente a gente vai ter uma piscina térmica, então daquilo tudo sabíamos as notícias.

J.C. – Mas por quem?

M.M. – Através do diretor, da direção da escola, a gente era bastante ligado.

J.C. – Era falado, foi perguntado a opinião dos alunos, em algum momento se votou? Se discutiu em conjunto com os alunos?

M.M. – Não!

J.C. – Foi uma decisão dos professores.

M.M. – A gente ficou sabendo que vinham as notícias, os professores comentavam, por que a Escola tinha dificuldade, a questão econômica como sempre, aquisição de material. Aqui atrás foi feito um tanque, era três ou quatro largura por dez ou doze de comprimento, aquilo era a nossa piscina, então.... Agora é um tanque, mas se federalizar tem verba do MEC¹⁶ tem verba pra isso, a gente começou a saber das notícias, mas eu como aluno não peguei nada de bom em termos financeiros e de melhoria pela federalização.

J.C. – Os professores só contavam que a federalização seria boa? Não tinha um outro lado, na visão deles era uma coisa pra ir pra frente?

M.M. – Exatamente ir pra frente!

J.C. – O que eles esperavam que mudasse?

¹⁵ Edson Bemvenuti.

¹⁶ Ministério da Educação.

M.M. – Primeira coisa a questão funcional eles passariam a ser professores e funcionários de um órgão federal, a questão material: teriam verbas maiores, a ESEF teria condições de crescer como escola em questão de espaço físico de aproveitamento desse espaço físico que já era essa área aqui, o ginásio é o que tem atualmente, mas era a única coisa quando chovia, por exemplo, corria todo mundo pra dentro do ginásio não havia outra área de esportes que se pudesse fazer uma aula a não ser o ginásio.

J.C. – E para os alunos? Nada mudou, por exemplo, o uniforme?

M.M. – Até eu me formar não. Formamos-nos com o mesmo uniforme.

J.C. – A formatura não mudou?

M.M. – A mesma formatura.

J.C. – Mas foi dentro da UFGRS, a primeira.

M.M. – Não sei te dizer se foi a primeira, a nossa já foi na reitoria do UFRGS.

J.C. – Com os protocolos todos?

M.M. – Com os protocolos todos, com o chapéu, com a toga, tudo dentro dos conformes, mas assim o nosso dia a dia aqui do uniforme, continuou a cobrança, o mesmo uso, nós éramos do terceiro ano não havia mordomia, aquela cobrança de sempre.

J.C. – O vestibular o senhor falou que mudou.

M.M. – Sim, depois que saímos mudou e passou a ser este vestibular unificado depois com as evoluções que teve, mas na nossa época era só vestibular dentro da ESEF.

J.C. – E não mudando nada então, vocês não tinham este pertencimento à UFRGS?

M.M. – Eu não tinha uma expectativa do que seria a ESEF federalizada.

J.C. – Não mudou nada? Mas profissionalmente hoje pesa?

M.M – Ah! Depois sim, claro, depois eu não senti, mas hoje eu sinto orgulho da UFRGS, ESEF, e podia ser melhor que espaço tem pra se fazer coisas; a nossa aula de esgrima era numa sala de aula, a gente arredava as cadeiras pra cá, hoje eu não sei deve ter uma trilha.

J.C. – Hoje não tem mais esgrima!

M.M – Não tem mais?

J.C. – É que agora mudou um pouco o currículo não é tão prático, quanto na época de vocês, e agora tem fisioterapia e dança aqui junto, então o campus está inchando.

M.M – Antes nós tínhamos uma formação para [trecho inaudível] magistério, esta área do esporte, então, hoje eu vejo às vezes vão alunos pedir estágio onde eu trabalho.

J.C. – Onde o senhor trabalha?

M.M – Atualmente no colégio Leonardo Da Vinci, unidade Beta lá na Zona Sul. Eu às vezes percebo, ele vai apitar uma partida e não sabe apitar, ele não sabe segurar um apito, mas como é que a ESEF não ensinou ele? Não ensinou a regra do jogo! Eu acho que fugiu um pouquinho essa área, e entrou para uma área mais acadêmica da pesquisa da busca do novo, nós não, nós tínhamos que saber a regra toda do basquete, toda do vôlei, então, às vezes eu brinco com os meus colegas, Matemática: Matemática é barbada quem é que não aprendeu o teorema de Pitágoras? Todo mundo. Agora a regra do vôlei de ontem não é a de hoje, a do futebol de antes não é a de ontem nem a de hoje, tu tens que estar o dia inteiro em cima de uma notícia por que mudou a regra, mudou o recorde, mudou a postura, mudou o uniforme de salto, não é verdade? Tudo muda, eu sempre digo: professor de Educação Física não é dar uma bola e está pronto, tu tens que estar a par de tudo. A Matemática, um mais um continua dois. Então, Matemática é mais fácil que Educação Física.

J.C. – O senhor tinha falado de alguns fatos pitorescos do teste, que tinha um rapaz que era muito bom, mas estava lesionado.

M.M – Uma curiosidade, a diferença que a gente sente hoje, é que tínhamos que entrar quase como atletas, o atleta era bem vindo na ESEF na ocasião. Tinha um rapaz que era goleiro da categoria de base do Grêmio¹⁷, e tinha feito uma cirurgia no joelho, tinha uma lesão séria ele não conseguiu fazer o salto em altura por que não tinha força física para saltar aquele mínimo que seria 50, 60 cm. Hoje eu não saberia dizer mas tinha um mínimo. E ele não conseguiu em três tentativas, ele derrubou o sarrafo nas três e ele não foi aprovado no vestibular de Educação Física por causa disso. Isso me marcou muito, eu não era um atleta formado, mas eu jogava, eu gostava disso, então, eu passei. A gente se impressionou depois durante o ano, até hoje não sei se têm tantos testes, só tem um exame médico? Nem todo atleta é um bom profissional da Educação Física como nem todos bons profissionais são atletas e a gente tem prova disso no dia a dia. Isso me marcou muito e quando eu fui lecionar eu usei muito isso ai, nem todo aluno ruim na Educação Física, que não atingiu aquilo que tu pensas, não pode ser dez, por que aquele que é o craque tem que ser dez? Então, hoje eu avalio o esforço, não a qualidade técnica ou física, performance. Eu aprendi muito com esse lance ai, isso me marcou muito. Imagina se eu estivesse com um dedo machucado do pé e não pudesse saltar?

J.C. – E este rapaz não tentou novamente?

M.M – Não! Acho que não tentou mais.

J.C. – O senhor disse que tinha outro fato pra contar do seu filho.

M.M – Eu estava na ESEF e meu filho nasceu em 1969, e marcaram uma prova num sábado pela manhã aqui na ESEF. Bom, eu vim de ônibus e na volta um amigo meu que morava lá perto de casa, o cara me deu carona e me largou perto de casa. Eu olho assim, estava meu cunhado, na esquina, nervoso e ele fumava. Quando eu sai de casa minha esposa sentiu as dores como a mãe dela morava do lado eu disse que não podia ficar ali, eu tinha que fazer a prova. Quando eu cheguei, ele disse: “Pô cara tu vem caminhando

tranquilo e a tua mulher no hospital!”. Eu disse: “sim, mas quem é que vai fazer o parto, sou eu ou é o médico? Muito obrigado por ter levado ela lá”. Então, a ESEF quase não deixa eu ver o nascimento do filho, por que ele nasceu as três da tarde, mas naquele tempo a gente não assistia eu só fiquei sabendo na sala de espera.

J.C. – Outra coisa é o nome dos afogados, que uma outra pessoa utilizou esta expressão em uma entrevista o “afogado da turma” era uma expressão [trecho inaudível].

M.M – Nós tínhamos aula de natação no Clube Gaúcho¹⁸ e no Petrópole¹⁹ e nós tínhamos dois professores, o professor Derik e o professor “Peixinho”. Nós ficamos descobrindo depois, que fazíamos natação de março, abril e parece que uma parte de maio, onde já começava o inverno e o professor colocava o termômetro na água olhava e dizia: “dezoito graus, pode nadar”. Depois descobrimos que era viciado, era só dezoito que marcava, ele não marcava nem dezenove nem dezessete. Nós fazíamos natação no primeiro período da manhã, frio ou não frio, de lá nós saímos e vínhamos pra cá. Bom, alguns realmente não sabiam nada de natação, então, nós ficávamos olhando... Um a gente apelidou de afogado, mas afogado constrangia, então, chamamos de *navegação costeira*: era uma braçada dentro da água e a outra na borda, ele se puxava, uma braçada e uma mão na borda, então, nós apelidamos estes *atletas de navegação costeira*.

J.C. – E quem eram eles, eram muitos?

M.M – Não eram muitos. Tinha o Elmano²⁰ que faleceu jovem com 21, 22 anos por excesso de atividade física e um que hoje, que é grande amigo meu que hoje é aposentado e tirou a Academia da Brigada Militar. E esse Elmano, um dia nós estávamos numa aula de water pólo que era o pólo aquático, um prego ficava mais tempo em cima da água que esse Elmano. Um dia estava lá o Elmano com a bola e o professor “Peixinho” disse como? “Esse cara não sabe como está em cima da água?” E ele estava com pé de pato²¹. Claro

¹⁷ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

¹⁸ Grêmio Náutico Gaúcho.

¹⁹ Petrópole Tênis Clube.

²⁰ Nome sujeito à confirmação.

²¹ Barbatanas para nadar são utilizados no pé ou na perna para ajudar a circulação em meio à água.

com o pé de pato ele ficava em cima da água, quando o professor descobriu: Elmano, rua! Tirou da aula de pólo.

J.C. – O professor “Peixinho” nos ajuda muito.

M.M – É uma grande figura.

J.C. – Acho que ficou faltando uma coisa, professor, que o senhor tinha comentado da limpeza dos livros do D.A. Que tinha um militar e um delegado.

M.M – Duas coisas: nós assumimos o Grêmio ou Centro de Alunos ou Diretório Acadêmico e a gente tentou fazer do Diretório uma atividade para os alunos, inclusive estabelecendo horários. Durante os horários de aula o Diretório Acadêmico era totalmente fechado para que os alunos estivessem em sala de aula. Abríamos no recreio, a gente atendia, batia, fechava e íamos pra sala de aula. E realmente a gente não tinha “chacrinha”, não tinha cafezinho, não tinha nada dentro, era chaveado. Mas, quando nós assumimos, como tinha tido aquela revolução de 1964, a política estava no auge daquela confusão toda, nós tínhamos um colega que era delegado de polícia, então, nos ajudou muito nos orientando na questão política que havia muitos livros dentro do diretório em armários. Com isso, tiramos tudo e examinamos um por um e ele foi dizendo: “olha, esse tira de lado, esse pode ficar por aí”

J.C. – Que tipo de livros?

M.M – Livros assim, de escritores, não eram livros técnicos. De escritores que na época eram considerados subversivos ou contra a política do momento, então, pra vocês não se incomodarem por que nada impedia que de repente o DOPS²², que na época era a política que batia, entre aqui numa escola e queira ver a biblioteca e entra no Diretório Acadêmico que onde se reúnem os alunos e vocês estão com estes livros vão se incomodar. Como ninguém era político, a gente foi escolhido pela turma pelo grau de amizade ou qualquer outra atividade, não por fazer política partidária dentro da ESEF, não era a nossa idéia, a gente concordou, então tudo bem. Separa, não sei que destino se deu, mas se tirou do

Diretório, acho até que foi entregue para a Direção, para que dessem o destino que achassem melhor. Então, isso foi uma causa marcante da nossa gestão, primeiro se atende os alunos, segundo sem política partidária dentro do Diretório Acadêmico, vamos trabalhar para a ESEF, funcionou tranquilamente, cobramos até dívida que tinha pra ser cobrança de coisas pendentes, ou seja, limpamos direitinho entregamos até com dinheirinho no caixa.

J.C. – Onde era o Diretório Acadêmico naquela época?

M.M – Subindo esta escada do lado da entrada a última sala, tinha uma sala pequena, mas era no andar de cima aqui. Bem na esquerda. Por que todas as aulas teóricas eram no andar de cima, como eram três turmas e tinha mais a formação infantil, educação física infantil eram ocupadas quatro salas de aula, então nós tínhamos eu me lembro bem, a última sala bem aqui da direita onde era esgrima ou as meninas faziam ginástica rítmica às vezes ali, por que elas não se expunham muito no ginásio se não dava o “oba, oba”.

J.C. – Bom acho que era isso, não sei se o senhor tem mais alguma coisa a acrescentar? Se tivermos alguma dúvida nós retomamos o contato.

M.M – Como de passagem, nós participamos dos jogos de Educação Física que na época tinham os jogos nacionais ou brasileiros, era neste nível eu até fui em um na categoria de futsal que foi em Baurú, eu acho que eu estava na segunda série;

J.C. – Tipo os jogos universitários?

M.M – Mas só da Educação Física, este foi na cidade de Baurú em SP e nós jogávamos aqui os campeonatos que eram feitos pela Universidade, jogava-se contra a Engenharia, as outras faculdades e no decorrer do ano havia os campeonatinhos internos aqui também.

J. C. – Então vocês já tinham contato com os alunos da UFRGS?

M. M. - Sim, através destes jogos.

²² Departamento de Ordem Política e Social.

J. C. - E eles não falavam nada que a escola ia ser da UFGRS?

M. M. – Não, por que, por exemplo, nós íamos lá jogar o futebol, entrava, jogava e ia embora, não se tinha muito um contato extra, tu te encontravas na quadra ou no campo, terminava e cada um voltava ao seu destino. Não tinha muito esse contato político, dentre a nossa maioria, de repente pode ser que um ou outro, que eu não tenha tido conhecimento, tenha tido uma afinidade maior na época neste sentido, mas assim, que corresse entre o grupo não.

J. C. – Relacionado a este processo de federalização, o senhor tem algum nome que possa ser indicado para entrevistarmos, da sua turma?

M. M. – Olha, eu acho o seguinte, eu indicaria esse pessoal que fez a Academia da Brigada Militar, que estavam dentro de um aspecto militar e estavam aqui na ESEF, então eles têm a questão acadêmica e a questão profissional deles que é o militar.

J. C. – Quem eram?

M.M. – Eu indicaria o José Iron Rossetto, o Sérgio Stocker, mas ele está morando em Garopaba, ele é muito difícil de vir aqui. Mas, o Temes²³ ele é diretor do Colégio atualmente, ele foi diretor do Colégio Tiradentes, é aqui dentro da Academia da Brigada e pode ser que ele naquela época dentro da área militar, embora não formado ainda, eles eram aspirantes na ocasião, eles vinham fardados aqui e saíam voando pra lá, talvez ele tivesse alguma informação ou o Reinaldo Salomão que na época era o delegado esse pode ser que tenha mais informação que os dois.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²³ Argos Juarez Temes